

# Sentido do Sacrifício

**N**uma reação egoísta, a classe média reclama do encarecimento de 2% nas despesas com cartão de crédito internacional e da maior taxação sobre as aplicações de renda fixa, beneficiadas pelos juros altos. As duas medidas vieram como alternativa ao aumento linear de 10% do imposto de renda, que só atingiu os contracheques acima de R\$ 1,8 mil.

É possível que muitos brasileiros ainda não tenham entendido o sentido do "sacrifício" que o pacote fiscal exige, como lembrou em Londres o presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas ninguém pode acusar o ministro Pedro Malan de faltar com realismo ao abordar a situação do país.

Em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, o ministro da Fazenda admite que o primeiro trimestre será muito difícil para a economia brasileira – e não apenas para as montadoras de automóveis e seus trabalhadores –, com uma desaceleração muito forte da produção. Mas, ao longo do ano, ele prevê recuperação capaz de deixar o PIB novamente em rota de crescimento no fim do ano, sem cair em recessão.

A crise financeira internacional provocada pelos países asiáticos ainda não foi superada pelo socorro de US\$ 57 bilhões à Coréia do Sul, numa operação que uniu o Fundo Monetário Internacional, os Estados Unidos e o Japão. Um dos motivos para a cautela ministerial é a situação complicada da economia do Japão, cujo crescimento se arrasta há seis anos na média anual de 1%, impensável para os padrões do país acostumado a exibir taxas invejáveis no pós-guerra.

Mas a simples disposição do Japão – com um PIB de US\$ 4,7 bilhões e reservas de US\$ 230 bilhões – de destinar US\$ 10 bilhões para o resgate da economia da Coréia do Sul revela a capacidade de sair sozinho da sua crise.

De certa forma, ao elogiar o trabalho "magnífico" do Congresso, ao aprovar "muitas coisas

que já estavam lá para serem votadas" e o conjunto de medidas fiscais preparadas pelo governo para dar sustentação fiscal ao Plano Real – diante da ameaça da crise internacional debilitar as contas externas – o ministro Pedro Malan quis dizer que o Brasil também deu uma magnífica demonstração de que também pode resolver seus problemas sozinhos.

Essa capacidade de enfrentar e superar as suas próprias dificuldades tem funcionado como um diferencial formidável para o Brasil perante a comunidade financeira internacional. Nesses tempos de vertiginosa globalização dos mercados, sobretudo os financeiros, tem um inestimável valor o país que vence uma crise cambial como a do México em 94-95 e agora escapa da tormenta provocada pelo furacão asiático.

Superar as adversidades internacionais, que tornaram o crédito internacional mais seletivo e os investidores mais ariscos, exige estrita compreensão política do momento econômico. Nem o presidente da República nem seu ministro da Fazenda fugiram à responsabilidade de enfrentar o desgaste pela adoção de medidas temporárias e antipáticas, mas inevitáveis. O desgaste teria sido menor se o governo tivesse consultado mais os políticos. De qualquer forma, pela primeira vez no país, o Legislativo e o Executivo estiveram em consonância.

Apesar da tormenta, o Brasil vai fechar este ano com a menor taxa de inflação anual desde 1950. Isto significa que um pouco mais de dois terços de sua população – ou quase 100 milhões de brasileiros – só agora conhece o que é viver numa economia estável, sem precisar visitar o Primeiro Mundo. Uma certa dose de sacrifício às vezes é necessária – como adiar uma viagem ao exterior para o país poupar dólares. Chega mesmo a ser um mal menor, se contribuir para preservar uma obra coletiva inestimável como a estabilização da economia.